

JORNAL: TRIBUNA DA IMPRENSA LOCAL: GUANABARA

DATA: 31/5/1952 AUTOR: MÁRIO PEDROSA

TÍTULO: _____

ASSUNTO: MÁRIO PEDROSA ELOGIA O ESFORÇO SILENCIOSO - DRAMÁTICO - SEM CONCESSÕES DO IVAN

ARTES PLÁSTICAS

EXPERIÊNCIA E ARTE

MÁRIO PEDROSA

N

NESSA altura do dia, um sentimento de cansaço aparece como para insinuar à crítica a inutilidade de seus esforços para julgar, para averiguar o valor das atividades artísticas.

Ha dois salões abertos no Rio, ambos com algumas coisas dignas de ser vistas e uma porção de coisas incolôres, neutras. A maioria dos artistas que pintam, que esculpem ou gravam poderia deixar de pintar, esculpir ou gravar sem prejuízo para ela nem para a arte. Toda essa gente poderia tratar de outra coisa, que não faria diferença. O Brasil é um país jovem, em crescimento, mas onde a mentalidade que nos domina sofre de artritismo ou padece dos males de uma senilidade precoce. Oh terra de gente moça velha!

O brasileiro na vida não tem caráter, e Macunaima é o seu símbolo; e, nas artes, não tem personalidade. Contem-se, entre as centenas de sujeitos que expõem no salão de cima e no salão de baixo do Ministério da Educação, os que dizem alguma coisa de seu. Quantos restam? Talvez uma meia dúzia. Não se exija, porém, tanto deles. Reduzamos as nossas ambições, e perguntemos moderadamente: quantos, entre todos esses expositores, ao rabiscar um papel, ao dar pinceladas na tela, ao amassar o barro, estão realmente passando por uma experiência?

E falando em experiência, é Rainer Maria Rilke que nos vem à mente quando numa de suas cartas escreve: "Versos não são como tanta gente imagina, simplesmente sentimentos: são experiências". E o grande lírico lícido descreve então o quanto de experiência é necessário para escrever "um único verso". E' preciso, comenta ele, ver muitas cidades, homens e coisas, conhecer os animais e o vôo dos pássaros e o gesto das flores quando se abrem pela manhã; voltar em pensamento aos caminhos das regiões desconhecidas, aos encontros inesperados, às separações já de longe previstas, às doenças da infância carregadas de profundas e graves transformações, aos dias fechados, ou de sol, às manhãs de vento, ao mar, às noites de travessia e de fuga, etc., e isso tudo ainda não basta. E' preciso também as memórias das vivências passadas, e mesmo essas não bastam. Pois é preciso também saber esquecer-las quando são muitas, e ter-se a imensa paciência de esperar que voltem novamente. E quando então tudo tiver retornado dentro de nós, como o sangue, a brilhar e a gesticular sem se distinguir de nós mesmos, só então, assinala o poeta, pode acontecer que na hora mais rara a primeira palavra de um poema se levante no meio daquelas experiências e delas prossiga.

A descrição do processo poético de Rilke que se coagula em torno da experiência, poderia servir de paralelo à descrição do processo plástico. Quantos dessa gente atarefada em mandar quadros para todos esses salões, nacional, municipal, moderno, geral, clássico, suburbano, estadual, tiveram sequer um vislumbre daquela "hora mais rara" de que fala o poeta?

Desçamos a um plano mais corriqueiro, mais terra a terra, da

experiência criadora: quantos ao pintar estão realmente fazendo uma simples experiência "individual"? Uma experiência que outros não fizeram ou não poderão fazer em seu lugar? Experiência que não é aprender as regras impositivas de um ofício ou os movimentos necessários a guiar um automóvel? Quantos ao acabar um quadro ou uma escultura têm a sensação ou o pressentimento, vago, indefinido ou preciso, de que uma nova idéia, ou melhor uma nova vivência já está aparecendo como um fantasma por trás da obra feita? Quantos sentem ou percebem, mesmo instintiva ou inconscientemente, a fatal continuidade de todo trabalho criador?

Diante de toda obra — mesmo ruim — mas que seja de fato resultante de uma experiência pessoal, logo surge por trás dela ou em torno dela, como que uma aura, uma sombra a sugerir ou evocar o fantasma, a idéia, a hipótese de algo que continua.

Quantos críticos e julgadores olham, entretanto, por trás do quadro ou em torno dele para sentir a vibração do ar em volta? Os vestígios de novo drama que começou a formar-se ali mesmo, denotando assim ser a obra algo de vivo, e, por isso mesmo, dotada da terrível faculdade de reproduzir-se, de continuar?

Por trás de um quadro de Inimá, que é que há? Dali não se parte para lugar algum, em que pesem certas boas qualidades artesanais do pintor. No entanto, por trás de um quadro de Maria Leontina, há uma presença invisível, há uma réstea de luz a nos indicar que a porta está aberta para futuras experiências, capazes de cristalizar-se um dia em imagens mais fulgurantes e construídas.

Em frente a uma gravura de Marcelo Grassman, sente-se o calor da experiência vivida e do turbilhão informe de novas que estão crescendo dentro do jovem criador. Mas nada há por trás do quadro premiado do sr. Saldanha. Também em vão se procura o eco de uma ressonância em torno de uma escultura da senhora Ebling. Entretanto, há no salão uma vocação escultórica violenta, embora reprimida, em Franz Weissman que de Belo Horizonte mandou uma figura à Moore, mas também uma figura sentada. Em torno desta há uma sugestão de continuidade. O escultor quer substituir os cheios pelos vãos, numa tentativa de representar especialmente e não volumetricamente, que é o grande problema da escultura moderna, raramente abordado em nosso país, e que tão fundo fere a imaginação plástica de nossos dias, fascinada pela conquista de novos espaços.

Sem perigo, passa-se por um quadro de Suzuki, incólume e sossegado. Não é diferente o encontro que se tem com Ahmés de Paula Machado. E Di Prete? E' um mestre vazio, que pinta para fazer jús ao descuido da premiação da Bienal paulista. Realmente, nada daquilo existe, nada é fruto de experiência pessoal, vida. No entanto, o esforço silencioso, pessoal, profundamente dramático de Ivan Serpa para atingir uma linguagem plástica clara, sem concessões, e em nome

da qual o jovem artista sacrifica deliberadamente o sucesso fácil, ao alcance da mão, pelos dons e possibilidades que todos, gregos e troianos, lhe reconhecem, passa inteiramente despercebido. Ivan é um exemplo entre outros. A finalidade precípua de um salão "moderno" está, segundo pensávamos, em descobrir os talentos novos e em estimular os esforços mais sinceros, corajosos e autênticos. Num país como o nosso, a ter-se à rotina ou ao costumeiro, é retroceder.